



A PESQUISA EM REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: CONSTRUÇÕES METODOLÓGICAS

José Vitor Rossi Souza¹
jose.rossi@unesp.br

Andréia Osti²
andreia.osti@unesp.br

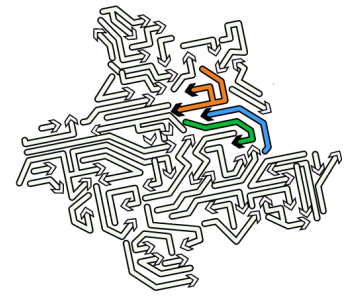
Resumo

As representações sociais são formas de conhecimento elaboradas pelos sujeitos em sua relação com o mundo e com os outros, tendo como funções a mediação e a orientação. O estudo das representações, que são também um conceito e um conjunto de fenômenos sociais, originou, na segunda metade do século XX, uma Teoria das Representações Sociais. Esta tem como objetivo explicar a construção de saberes pelos sujeitos. A partir do seu desenvolvimento e do seu caráter interdisciplinar, esse aporte teórico passou a ser utilizado por diferentes áreas do conhecimento, o que inclui a Psicologia, a Saúde, a Administração, a Educação e a Geografia. Sendo assim, considerando as potencialidades dessa teoria, neste texto pretende-se discutir as contribuições da Teoria das Representações para as pesquisas sobre Geografia, enfocando as investigações acerca do ensino dessa disciplina escolar. O artigo está estruturado em duas partes. Na primeira, são apresentadas as possibilidades de articulação dessa teoria com os conhecimentos geográficos. Em seguida, são feitas algumas considerações metodológicas sobre as pesquisas na Geografia que têm como foco analisar as representações. Já na segunda seção são discutidos os caminhos metodológicos de uma pesquisa sobre as representações das escalas geográficas por estudantes do Ensino Fundamental II, a qual esteve baseada em uma abordagem qualitativa e utilizou a entrevista semiestruturada e o mapa mental como instrumentos para a coleta de dados.

Palavras-chave: Teoria das Representações Sociais; Metodologia; Pesquisa qualitativa.

¹ Graduado em Geografia (Unesp, Rio Claro), mestre em Educação (Unesp, Rio Claro) e professor de Geografia da rede privada de ensino. O trabalho é fruto de uma pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação da Unesp Rio Claro. Agradecimentos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento da pesquisa.

² Professora livre-docente do Departamento de Educação da Unesp (campus Rio Claro) e professora permanente do Programa de Pós-graduação em Educação da Unesp (campus Rio Claro).



Introdução

O termo representação social é polissêmico, ou seja, ao falar em representações sociais estão englobados vários sentidos dentro de uma mesma perspectiva: um conjunto de fenômenos sociais, um conceito e uma teoria (SÁ, 1993). Além dessa variedade de sentidos, há também uma diversidade de empregos da noção/conceito/categoria de representação por diferentes áreas do conhecimento, o que demonstra seu uso interdisciplinar e a possibilidade de articulá-la na compreensão de uma variedade objetos e fenômenos da realidade.

A ideia de representação não é nova, nem exclusiva de uma área. Pelo contrário, ao longo do tempo ganhou diferentes contornos a partir da introdução de novas reflexões e matrizes epistemológicas, que se difundiram para variados campos científicos. Alguns teóricos como Durkheim, Lévy-Bruhl, Piaget e Freud fizeram contribuições no sentido de discutir o conceito e empregá-lo na compreensão dos fenômenos por eles estudados (MOSCOVICI, 2001, 2015).

No âmbito da Psicologia Social, o estudo das representações culmina em uma Teoria das Representações, a qual emerge no contexto da segunda metade do século XX, catalisada pelas contribuições de Serge Moscovici, quando investigou a socialização e apropriação da psicanálise pela população parisiense. Seus esforços foram determinantes para uma renovação temática, teórica, metodológica e epistemológica da Psicologia Social. Com isso, eram rompidos alguns pressupostos hegemônicos que dominavam a área no contexto em que surgiu, os quais enfatizavam apenas as dimensões individuais e desconsideravam os conteúdos dos fenômenos psicossociais (SÁ, 1993).

Em oposição a eles, a perspectiva de Moscovici contemplava a dupla natureza das representações (psicológica e social), dimensões que se apresentam de forma indissociável (MOSCOVICI, 2015). Portanto, a Teoria das Representações Sociais faz parte de um movimento de re-humanização da Psicologia, enfocando a cultura, a História e os sujeitos. Isso traz grandes mudanças paradigmáticas, fazendo com que os estudos psicológicos ganhem um caráter interdisciplinar, inclusive pela adoção de perspectivas e instrumentos metodológicos de outras áreas (ARRUDA, 2002).

Desse modo, a atualidade do estudo das representações sociais é a mesma quando Serge Moscovici propõe uma nova perspectiva teórica. Se nos anos de 1970 defendia a ideia



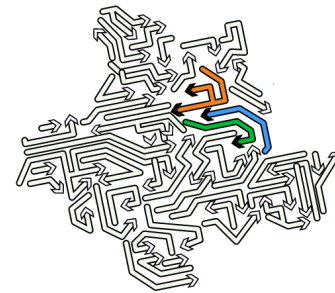
de estudar as representações do presente, e não das sociedades primitivas como fazia Durkheim no estudo das religiões (SÁ, 1993), assim também o estudo sobre as representações do presente é peça-chave para compreender a realidade atual e o quanto o que pensam os sujeitos influenciam na constituição do imaginário social.

Considerando a relevância dessa discussão, o texto possui como objetivo discutir a Teoria das Representações Sociais no domínio das pesquisas sobre o ensino de Geografia, enfocando em três grandes aspectos: as possibilidades de articulação dessa teoria aos conhecimentos geográficos, algumas considerações sobre a metodologia das investigações em representações sociais ligadas à Geografia (incluindo reflexões sobre os instrumentos de coleta e análise de dados adotados) e discussão de caminhos metodológicos empregados em uma pesquisa de mestrado que buscou investigar as representações sociais das escalas geográficas por estudantes do Ensino Fundamental II.

O aporte da Teoria das Representações Sociais nas pesquisas sobre ensino de Geografia

A representação do espaço está relacionada a um constructo cultural e nela estão envolvidas pré-ideações. Os grupos sociais desenvolvem uma autoconsciência sobre seu espaço, com base na relação que estabelecem com ele, sendo que essas representações, que podem estar ligadas com a acomodação ou transformação do lugar onde se vive, exprimem localizações e identidades dos sujeitos (MORAES, 2005). Desse modo, a investigação sobre elas podem ser um caminho para compreender as geografias dos sujeitos e quais relações estabelecem com o mundo em que vivem, pois existem simbioses entre os atores sociais e a organização espacial, que são expressas pelas representações (KOZEL, 2002).

Assim como fez Moscovici nos anos de 1960, buscando compreender como a Psicanálise era representada pelos franceses (MOSCOVICI, 1978), no caso da Geografia é interessante investigar como alguns conceitos e conhecimentos geográficos circulam no senso comum. Ou seja, a Teoria das Representações Sociais pode ajudar a analisar como esses conhecimentos, fundamentais para a interpretação do mundo em que se vive, são compartilhados pela sociedade. Através desse aporte teórico e das pesquisas que dele



derivam, é possível identificar as ideias e visões dos estudantes sobre determinado objeto assim como desvendar como os conhecimentos geográficos são compartilhados pela sociedade (BARBOSA; SILVA, 2017).

Apesar do uso ainda incipiente dessa teoria no âmbito das pesquisas em Geografia desenvolvidas nas universidades públicas brasileiras, o que inclui os debates sobre o ensino dessa disciplina, a partir da sistematização de teses e dissertações desenvolvidas entre 2005 e 2015, Barbosa e Silva (2017) apresentaram um panorama das pesquisas nessa área. Obtido através da metodologia de estado da arte, a sistematização indicou um crescimento do uso desse aporte teórico na Geografia, com destaque para a produção na região Nordeste e Sul, principalmente nos estados do Piauí, Rio Grande do Norte e Rio Grande do Sul.

As autoras analisaram pesquisas envolvendo ensino de geografia e representações sociais, em que eram discutidos temas geográficos, processos educacionais ou conceitos geográficos, sendo que alguns resultados do panorama apresentado merecem destaque. Com relação às metodologias de investigação, Barbosa e Silva (2017) constataram os principais instrumentos para a coleta de dados. Entre eles estão (em ordem decrescente): questionários (o mais utilizado), entrevistas, Técnica de Associação Livre de Palavras (com relação direta com a Teoria do Núcleo Central), desenhos, grupo focal, observação direta, produção e texto, fotografia e mapas mentais.

Ainda a esse respeito, em uma busca das pesquisas sobre representações relacionadas à Geografia, constatou-se uma variedade de instrumentos e que não há uma metodologia privilegiada pela teoria. Há, inclusive, a utilização de métodos de análise e coleta de outras áreas do conhecimento, os quais serão empregados a depender dos objetivos da pesquisa, da natureza dos dados e das especificidades dos objetos representacionais. Além disso, a maior parte dos trabalhos no grupo do ensino de Geografia e representações sociais utiliza a Grande Teoria, proposta por Serge Moscovici, assim como algumas pesquisas adotaram as abordagens complementares a ela, principalmente a Teoria do Núcleo Central.

Utilizando alguns exemplos de pesquisas no âmbito da Geografia que utilizaram o aporte da Teoria das Representações Sociais, destacam-se algumas. Cavalcanti (2013) discute a construção do conhecimento geográfico na escola a partir das representações sociais dos estudantes da 5ª e 6ª série do Ensino Fundamental e de professores sobre os conceitos/categorias de paisagem, lugar, região, natureza, território e sociedade. A autora

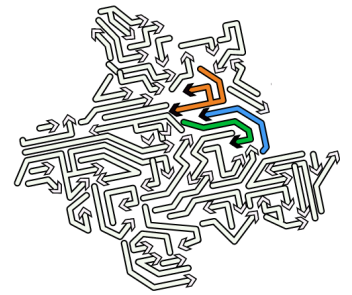


destaca que o estudo sobre as concepções, ideias e imagens que esses sujeitos pesquisados têm sobre a Geografia é uma atividade importante para fundamentar práticas de ensino. Ao longo da pesquisa, além de pesquisadores do campo das representações, como Serge Moscovici e Sônia Penin, outros referenciais foram empregados associados, na análise, à Teoria das Representações Sociais, como a Teoria Histórico-Cultural.

Por sua vez, Rocha e Amoras (2006) investigaram as representações sociais de estudantes paraenses sobre as características socioespaciais da região amazônica. Como resultados, destacam a secundarização da cultura regional no currículo escolar; a elaboração de representações espaciais através dos livros didáticos, da mídia e da escola (e não apenas pela experiência vivida); a possibilidade de utilizar as representações como um caminho para desvendar as relações dos sujeitos com o meio em que vivem e com os objetos; e a existência de representações mistificadoras e estereotipadas sobre a Amazônia, associadas à ideias de natureza selvagem, perfeita, harmônica ou intocada. A partir dessas considerações, há uma defesa de que o ensino de Geografia, em uma perspectiva que valoriza os conhecimentos prévios, contribua para transformar as representações.

Outros exemplos ainda poderiam ser citados, como a pesquisa sobre representações de estudantes de Ensino Fundamental II de Ilhéus (BA) acerca das favelas (BOMFIM; CORREIA, 2016). Ou ainda a discussão e aproximação entre Psicologia Ambiental e Geografia a partir da análise de representações de habitantes de uma cidade-satélite do Distrito Federal sobre a questão da moradia. Nessa investigação, apresenta-se como a moradia é encontrada pelos indivíduos como uma forma de se tornar sujeito em uma ordem espacial marcada pela propriedade privada (PELUSO, 2003).

Todas essas pesquisas, além de outras que poderiam ser mencionadas, têm algumas características em comum. A relevância atribuída às representações na mediação da relação entre os sujeitos e os espaciais é uma delas. Além dessa, o uso de alguns autores do campo das representações sociais, principalmente Serge Moscovici, na fundamentação das pesquisas e o uso de diferentes instrumentos para captar as representações, como entrevistas, desenhos,



questionário e observação. Acrescenta-se a isso o caráter interdisciplinar dessa teoria, a qual pode embasar pesquisas em diferentes áreas do conhecimento, inclusive na Geografia e, mais especificamente, no ensino da Geografia.

A construção metodológica da pesquisa em representações sociais: um exemplo

A construção de um objeto de pesquisa em representações sociais requer o domínio da teoria e a consideração do fenômeno ou problema que se deseja estudar. Nesse caso, os fenômenos, que estão difusos e em movimento na sociedade, são transformados em objeto de pesquisa. Quando as representações da Psicanálise foram analisadas por Moscovici no contexto francês, durante os anos de 1960, esse objeto representacional precisou ser construído, problematizando suas características e discutindo os enfoques pelos quais ele poderia ser abordado pela pesquisa. Após essa construção, a escolha dos caminhos metodológicos, instrumentos e técnicas de pesquisa estarão subordinados às características desse objeto, à natureza dos dados e às questões norteadoras da investigação. Isso significa que, através da prática científica, serão feitas mediações para aproximar a realidade (MOSCOVICI, 1979; SÁ, 1998).

Para ilustrar esse processo, discute-se agora a construção metodológica sobre representações a partir da discussão da elaboração da pesquisa de mestrado intitulada “Representações sociais das escalas geográficas por estudantes do Ensino Fundamental II”. No que se refere ao contexto socioespacial, a pesquisa foi realizada em uma escola municipal localizada na zona rural de Rio Claro, na mesorregião de Piracicaba. Ao todo, participaram 101 estudantes do Ensino Fundamental II. No caso, o objeto representacional escolhido para ser investigado foi a escala geográfica, entendida como um artifício que dá visibilidade ao real e que contribui para conferir à realidade um ponto de vista espacial, possibilitando clarificar a espacialidade dos fenômenos (CASTRO, 2006; CAVALCANTI, 2019). Este objeto (a escala) pode ser classificado tanto como noção quanto como conceito e categoria³ e tem (ou deve ter) centralidade no processo de ensinar e aprender geografia.

³ A escala geográfica pode ser considerada uma noção por ser um elemento mobilizado para a representação da realidade. Enquanto conceito, ela permite tornar a realidade cognoscível para os sujeitos. Já como categoria, ela pode ser entendida como uma determinação universal, que ganha diferentes características a depender do contexto espaço-temporal (ABBAGNANO, 2007; MELAZZO; CASTRO, 2007).

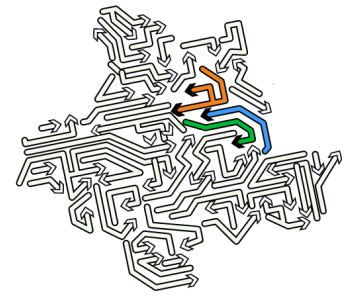


Realizar as pesquisas em situações “naturais” é um pressuposto básico para a construção metodológica da investigação sobre representações sociais, apesar da possibilidade de fazer estudos experimentais em laboratório (SPINK, 1993). Portanto, esse tipo de pesquisa

está diretamente relacionado à abordagem qualitativa, que tem como algumas características o destaque para os micro processos (e não apenas para os resultados), a relação com as condições da vida real, a preocupação com o contexto, o caráter descritivo e o uso de múltiplas fontes de evidências, o que mostra a riqueza das análises que são desenvolvidas sob essa perspectiva (BOGDAN; BIKLEN, 2013; YIN, 2016).

Inegavelmente, o “verbo” das pesquisas qualitativas é o “compreender”, central na pesquisa que está sendo desenvolvida, já que o principal interesse é a compreensão das representações sociais que os estudantes do Ensino Fundamental II possuem sobre as escalas geográficas. Foram utilizados dois instrumentos: a entrevista semiestruturada e o mapa mental. Ambos estão de acordo com alguns dos pressupostos da pesquisa em representações. Primeiro porque eles permitem captar elementos que compõem as representações, já que para Moscovici (2015) toda representação é composta por duas faces indissociáveis: a icônica e a simbólica. Portanto, por meio desses dois instrumentos, é possível identificar as imagens e as significações dos estudantes no que se refere às escalas geográficas. Segundo, porque por meio deles são utilizados tanto métodos interrogativos e associativos (NASCIMENTO, 2015), o que está em consonância com a perspectiva de pesquisa adotada.

Com relação aos mapas mentais, foi solicitado aos alunos que fizessem uma representação de quatro tipologias de escala: local, regional, nacional e global. Com base nesses mapas, elaborados pelos sujeitos pesquisados, seria possível capturar as dimensões imagéticas (icônicas) das representações sobre as escalas. Nesse procedimento, está subjacente uma concepção de que nessa representação, do mapa enquanto produto social, estão imbricados elementos ligados ao desenho, à arte e ao mapa, traduzindo como os sujeitos percebem e materializam, através de imagens, o modo como concebem uma das noções centrais para a Geografia, que são as escalas geográficas. Além disso, o uso do instrumento



mapa mental para captar elementos relacionados às representações sobre as escalas também afirma uma perspectiva mais ampla de mapa, que considera as diferenças entre os tipos de mapeamento, mas reconhece que os mapas apresentam características em comum, como a preocupação com a delimitação e representação dos espaços, a localização dos lugares e dos fenômenos e o registro da interação sociedade-natureza (RICHTER, 2017).

Destaca-se que os mapas foram elaborados em sala de aula, mas cada estudante produziu o seu. É interessante observar que em um primeiro momento não foi solicitado que os alunos fizessem mapas e sim desenhos, porque há um entendimento de mapa no senso comum que está ligado à representação normatizada que não tem relação com as práticas sociais dos sujeitos. Partindo dessa ideia, se fosse solicitado aos estudantes que produzissem mapas sobre cada uma das tipologias de escala, talvez eles pensassem que não seriam capazes desenvolver um produto cartográfico, já que há também no senso comum uma concepção de escala como proporção.

Quanto ao segundo instrumento de coleta de dados, a entrevista semiestruturada, esta foi organizada em duas partes e realizada individualmente, com duração de aproximadamente trinta minutos. A primeira parte, com um formato fechado, foi composta pelo questionário socioeconômico, que tinha como objetivo coletar informações para construir um perfil dos entrevistados no que se refere aos deslocamentos dos sujeitos e ao acesso a livros, videogames, aplicativos de localização/orientação. A partir desses dados, seria possível relacioná-los às representações dos sujeitos, procurando mostrar de que forma as práticas espaciais e o acesso a produtos culturais e tecnológicos impactam na forma como os estudantes concebem as escalas geográficas.

Na segunda parte, com questões abertas (sem opções pré-fixadas), que buscavam possibilitar a livre expressão dos entrevistados, o roteiro foi organizado a partir de dez itens, que contemplavam questões sobre o domínio conceitual acerca das escalas (cartográfica e geográfica), as palavras/imagens/expressões associadas pelos estudantes a cada uma das tipologias de escala (local, regional, nacional e global), a relação entre representações cartográficas e tipologias de escala (o que foi feito através de uma técnica de “entrevista projetiva”), a diferenciação entre as escalas e, por fim, sobre as dificuldades envolvidas na compreensão escalar. Para todos os entrevistados, independente da turma ou do ano, foram



feitas as mesmas questões, estratégia utilizada com o objetivo de permitir a comparação das respostas dos estudantes de diferentes anos do Ensino Fundamental II, buscando identificar se há (ou não) diferenças e quais são elas.

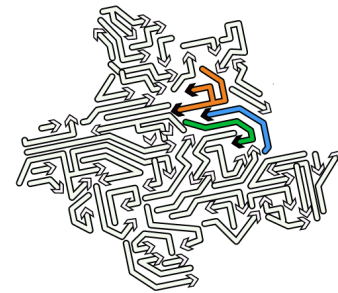
Após a coleta dos dados, eles foram sistematizados em tabelas, organogramas e mapas. Para a interpretação, foi utilizada a metodologia da análise de conteúdo (BARDIN, 2011; BAUER, 2015; FRANCO, 2018). Para além do uso dessa metodologia dados foram

analisados à luz da Teoria das Representações Sociais, o que contemplou uma discussão sobre os processos de objetivação e ancoragem, a comparação entre as representações sobre as escalas por parte dos diferentes grupos de estudantes, as esferas de pertença das representações (JODELET, 2009) e os núcleos central e periférico das representações.

Alguns dos resultados da pesquisa mostram, em primeiro lugar, que há uma dificuldade de objetivação do conceito de escala assim como dificuldades na diferenciação entre escala geográfica e escala cartográfica, ainda mais considerando que há uma forte associação entre escala geográfica e tamanho/proporção, sinalizando que muitos estudantes compreendem a escala a partir de uma abordagem matemática. Em segundo lugar, a partir da investigação, os grupos de estudantes passam a ser redefinidos pelo critério da representação, agrupando sujeitos com concepções próximas e separando aqueles que possuem representações divergentes. Ou seja, nesse tipo de pesquisa, a filiação grupal está ligada às convergências e divergências de ideias associadas a um determinado objeto representacional. Em terceiro lugar, foi observado como os sujeitos atribuem sentidos às escalas, sendo que algumas tipologias (como a local e a global) há uma facilidade maior no que se refere à associação com palavras, expressões e imagens. E, por fim, observou-se uma relação entre representação e lugar social dos sujeitos.

Considerações finais

A Teoria das Representações, pelo seu caráter interdisciplinar e abrangente, traz contribuições para pesquisas em diferentes áreas do conhecimento, como a Geografia, por exemplo. Analisando especificamente como essa teoria pode ser utilizada como aporte às



investigações sobre ensino em Geografia, o panorama apresentado mostra algumas possibilidades de temáticas e de caminhos metodológicos que podem ser trabalhados. As representações contribuem para situar os sujeitos no mundo e dar sentido às práticas sociais, em que estão incluídas as práticas espaciais, além de que os temas geográficos, devido à complexidade e estranheza inicial causada por eles, são propícios para a construção de representações sociais (BARBOSA; SILVA, 2017). Por isso, nas pesquisas sobre as questões que envolvem o ensino dessa disciplina escolar, as representações sociais (sobre os mais diferentes objetos) não podem ser desconsideradas.

Com relação à construção metodológica da pesquisa apresentada, destaca-se a adequação dos instrumentos de coleta de dados à natureza dos dados, aos objetivos da investigação e às questões da pesquisa. Por meio das entrevista semiestruturadas, que permitiram a livre expressão dos sujeitos, e dos mapas mentais, que traduziram, através de representações espaciais, as concepções sobre cada uma das tipologias de escala (local, regional, nacional e global), foi possível captar elementos para, posteriormente, analisar as representações sociais das escalas geográficas. Apesar de reconhecer essa adequação, outros caminhos metodológicos poderiam ter sido adotados. Inclusive, algumas das pesquisas apresentadas neste texto indicam diferentes possibilidades de técnicas, abordagens e temáticas das pesquisas em representações no âmbito da Geografia.

Por fim, a respeito da escolha do objeto representacional investigado, ressalta-se que escala é de extrema relevância para ler e interpretar o mundo em sua complexidade, ainda mais em um contexto de articulação e dependência entre elas. No ensino de Geografia, a escala é um instrumento mediador no ensino de conteúdos que são do domínio geográfico por estar ligada à determinação da localização e extensão dos fenômenos. É com o auxílio dessa noção que é possível empreender uma leitura crítica e problematizadora da realidade. Por isso, assim como fez a presente pesquisa, é preciso compreender, como ponto de partida, como os sujeitos representam as escalas e, a partir disso, estruturar e desenvolver práticas pedagógicas que objetivem elaborar e reelaborar representações sobre determinado objeto.

Referências bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARRUDA, Angela. As representações sociais: desafios de pesquisa. **Revista de Ciências Humanas**, Especial Temática, 2002, p.9-23. Disponível em:



<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacf/article/view/25810/22597>. Acesso em 20 mai. 2023.

BARBOSA, Aline Camilo; SILVA, Josélia Saraiva. Geografia e representações sociais: estado da arte. **Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (ANPEGE)**, v.13, n.21, mai./ ago. 2017, p.147-162. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6945/3880#>. Acesso em: 06 set. 2022.

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 13 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015, cap. 8, p.189-243.

BOGDAN, Robert.; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 2013, 336p.

BONFIM, Natanael Reis; CORREIA, Silvia Leticia Costa Pereira. Representações sociais do espaço e ensino de geografia. **Caminhos de Geografia**, v. 17, n. 58, p. 18-31, 2016. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/29755/18893>. Acesso em: 27 jun. 2023.

CASTRO, Iná Elias de. O problema da escala. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 18 ed. Campinas, SP: Papirus, 2013. – (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

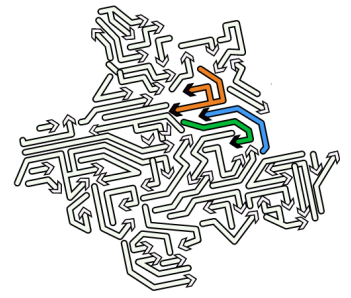
CAVALCANTI, Lana de Souza. **Pensar pela Geografia: ensino e relevância social**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019, 232p.

FRANCO, Maria Laura P. B. **Análise do conteúdo**. Brasília: Liber Livro Editora, 2018, 80p. – (Série Pesquisa; v.6)

JODELET, Denise. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 679-712, set./dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/se/v24n3/04.pdf>. Acesso em: 08 set. 2020.

KOZEL, Salette. As representações no geográfico. In: MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salette (Orgs.). **Elementos de Epistemologia da Geografia contemporânea**. Curitiba: Editora da UFPR, 2002, p.215-232.

MELAZZO, Everaldo Santos; CASTRO, Cloves Alexandre. A escala geográfica: noção, conceito ou teoria? **Terra Livre**, v. 2, n. 29, 2007. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/244>. Acesso em: 20 out. 2022.



MORAES, Antonio Carlos Robert. **Ideologias geográficas**. São Paulo: Annablume, 2005, 158p.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978, 291p.

MOSCOVICI, Serge. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: JODELET, Denise (Org.) **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p.45-66.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015, 404p.

NASCIMENTO, Ivany Pinto, Um diálogo com o campo das representações sociais. In: ORNELLAS, Maria de Lourdes Soares (Org.). **Representações sociais e educação: letras imagéticas III**. Salvador: EDUFBA, 2015, p.45-68.

PELUSO, Marília L. O potencial das representações sociais para a compreensão interdisciplinar da realidade: Geografia e Psicologia Ambiental. **Estudos de Psicologia** (Natal), v. 8, p. 321-327, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/3bNKZm5yZDQ8M8pszq4SVtS/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 30 mar. 2023.

RICHTER, Denis. A linguagem cartográfica no ensino de Geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, [S. l.], v. 7, n. 13, p. 277–300, 2017. DOI: 10.46789/edugeo.v7i13.511. Disponível em: <https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/511>. Acesso em: 28 jun. 2023.

SÁ, Celso Pereira de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, 110p.

SÁ, Celso Pereira de. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, Mary Jane. (Org.). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1993, p.19-45.

SPINK, Mary Jane. O estudo empírico das Representações Sociais. In: SPINK, Mary Jane (Org.). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993, p.85-108.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**; tradução: Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2016.